

O que não é empreendedorismo social: responsabilidade social corporativa, filantropia, projeto social e organizações sem fins lucrativos

What social entrepreneurship isn't: corporate social responsibility, philanthropy, social projects, and non-profit organisations

Alex Muafunga Chipuia¹

Resumo

O presente artigo aborda a problemática **o que não é empreendedorismo social na perspectiva de escalabilidade e sustentabilidade**. Visa identificar aspetos de **sustentabilidade** como: impacto a longo prazo e inclusão da comunidade. Por outro lado, destinou-se também analisar aspetos de **escalabilidade** como: replicação e ampliação com enfoque na responsabilidade social corporativa, filantropia, projetos sociais e organizações sem fins lucrativos. A reflexão mostrou que escalabilidade e a sustentabilidade são dois conceitos centrais para que as iniciativas sociais sejam consideradas como empreendedorismo social. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, em que foram entrevistados coordenadores de projetos sociais. Os resultados obtidos na pesquisa apontaram que o empreendedorismo social, a sustentabilidade e a escalabilidade estão interligados. Os projetos sociais, as organizações sem fins lucrativos, as ações de responsabilidade social corporativa e as ações filantrópicas não podem ser consideradas como empreendedorismo social sem serem sustentáveis e escaláveis. Responsabilidade social corporativa precisa evoluir para responsabilidades social corporativa sustentável, os projetos sociais tradicionais para projetos de empreendedorismo social, as organizações sem fins lucrativos precisam evoluir para organizações sem fins lucrativos sustentáveis, bem como as responsabilidades sociais precisam transitar para responsabilidades sociais sustentáveis.

Palavras-chave: Empreendedorismo Social. Escalabilidade. Sustentabilidade.

¹ Mestre em Economia e Gestão Aplicada pela Universidade Metodista de Angola. Professor da Faculdade de Ciências Sociais e Jurídica. E-mail: alexchipuiadejesus@gmail.com

Abstract

The present article addresses the issue of what social entrepreneurship is not from the perspective of scalability and sustainability. You should identify aspects of sustainability such as: Long-term Impact and Community Inclusion. On the other hand, it was also intended to analyze aspects of scalability such as: replication and expansion with a focus on corporate social responsibility, philanthropy, social projects, and non-profit organizations. The reflection showed that scalability and sustainability are two central concepts for social initiatives to be considered social entrepreneurship. This is a descriptive research study with a qualitative approach, in which social project coordinators were interviewed. The results obtained from the research indicated that social entrepreneurship, sustainability, and scalability are interconnected. Social projects, non-profit organizations, corporate social responsibility actions, and philanthropic initiatives cannot be considered social entrepreneurship without being sustainable and scalable. Corporate social responsibility needs to evolve into sustainable corporate social responsibility, traditional social projects into social entrepreneurship projects, non-profit organizations need to transition into sustainable non-profit organizations, and social responsibilities must shift towards sustainable social responsibility.

Keywords: Social Entrepreneurship. Scalability. Sustainability.

Data de submissão: 26 de junho de 2024

Data de aprovação: 1º de julho de 2024

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo social é uma temática em construção na fase embrionária no ramo das Ciências Sociais, tem a sua origem na ação social, na filantropia, na caridade e nasce de um contexto de solidariedade econômica, é o empreendedorismo híbrido (econômico e social). Embora esteja a contribuir para a sustentabilidade das comunidades excluídas, existe, porém, uma grande fragmentação e falta de consenso por parte de pesquisadores acerca do que é propriamente empreendedorismo social. Segundo Cruz (2012), a gênese lucratividade e não lucratividade é um dos principais aspetos que tem gerado muitas fragmentações.

Apesar das fragmentações, o empreendedorismo social possui características únicas que o tornam uma alternativa na busca de soluções que possam ser replicadas, ampliadas e de caráter permanente, que não resolvam problemas sociais de forma pontual, rápida ou de curto prazo, mas que tragam mudanças sustentáveis e com escalabilidade (SILVA, 2009). A escalabilidade em empreendedorismo social é entendida como o processo de escalar com maior pontencialização os impactos sociais das ações de âmbito social (WEBB et al., 2010). Já a sustentabilidade em empreendedorismo social pode ser entendida como um conceito ecológico, político, financeiro e social com impacto permanente (BAHI, 2023). No empreendedorismo social, a escalabilidade e a sustentabilidade são conceitos interligados que se referem à capacidade de uma iniciativa social de se manter e aumentar seu impacto no futuro. Segundo Melo e Froes (2002), o empreendedorismo social foca-se nos processos participativos e integrados de desenvolvimento comunitário que podem ser replicados e ampliados e sustentados pela própria comunidade.

Vale realçar que grande parte das ações de iniciativas sociais são desenvolvidas por organizações não governamentais, projetos sociais, instituições por via da responsabilidade social e por pessoas físicas, por via da filantropia. Mas suas ações podem apresentar limitações se não forem escaláveis.

A escalabilidade, neste contexto, refere-se à capacidade de uma iniciativa social expandir seu alcance e impacto de forma eficiente e sustentável”, é fundamental para o sucesso e a permanência das ações de iniciativas sociais. Os projetos sociais, as ONGs, a filantropia e a responsabilidade social corporativa poderão ter um impacto positivo em larga escala, alcançando mais beneficiários e fazendo mudanças significativas em várias comunidades quando forem escaláveis. Iniciativas escaláveis têm o potencial de transformar a sociedade de maneira mais profunda e abrangente. A escalabilidade traz inúmeros benefícios para as comunidades atendidas e as organizações implementadas a longo prazo. (ECONOMATO, 2024).

O empreendedorismo social é uma temática em construção na fase embrionária no ramo das Ciências Sociais, tem a sua origem na ação social, na filantropia, na caridade e nasce de um contexto de solidariedade econômica, é o empreendedorismo híbrido (econômico e social).

Já a sustentabilidade permite que uma ONG, um projeto, continuem as suas operações de longo prazo, isso é fundamental para garantir que os benefícios alcançados para a comunidade sejam permanentes. A sustentabilidade promove modelos de desenvolvimento que incluem a inclusão ativa da comunidade, garantindo que as iniciativas atendam a necessidades locais (MELO; FROES, 2002). Contudo, a sustentabilidade, nas ações de filantropia e ações sociais, é essencial para garantir êxito. A pesquisa tem como objetivo principal identificar aspectos de **sustentabilidade** como: impacto a longo prazo e inclusão da comunidade. Por outro lado, destina-se também a analisar aspectos de **escalabilidade** como: replicação e ampliação, essa análise focará nas ações de responsabilidade social corporativa, filantropia, projeto social e das organizações sem fins lucrativos.

Em decorrer disso, para melhor identificar os aspectos de empreendedorismo social na perspectiva da sustentabilidade e escalabilidade, vamos descrever as ações praticadas pelas organizações sem fins lucrativos, projetos sociais e ações de responsabilidade social, bem como filantrópicas. O artigo está estruturado inicialmente pelas questões introdutórias, aborda também a fundamentação teórica, onde se faz uma revisão da literatura sobre **O que não é empreendedorismo social** e, por último, o procedimento e análise e discussão dos resultados.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 CONCEITUAÇÃO, DIFERENCIAS E CARACTERÍSTICAS

Não podemos falar sobre empreendedorismo social sem falarmos sobre empreendedorismo tradicional. Segundo Beugré (2017), o empreendedorismo social difere das formas tradicionais de empreendedorismo, pois o objetivo principal do empreendimento social é abordar problemas e necessidades sociais que ainda não foram atendidas. A força motriz de tais empreendimentos é a criação de valor social, enquanto o empreendedorismo tradicional consiste no dinamismo processual pelo qual os indivíduos identificam as ideias de negócio em função das oportunidades de mercado com vista a gerar transformação ou inovação de produtos ou serviços. Pode-se observar que, no empreendedorismo social, as ideias, as inovações e as oportunidades não são incorporadas nem nos produtos ou serviços a serem produzidos, mas na identificação

de problemas e necessidades e buscam ferramentas ou soluções para as necessidades e problemas sociais na comunidade local. O que movimenta o sistema de gestão é o objeto da ação empreendedora, é o problema e não a oportunidade, como no empreendedorismo social. Segundo o mesmo autor, empreendedorismo social difere do empreendedorismo tradicional propriamente dito em dois aspectos:

1. A produção de bens e serviços não é destinada à venda com objetivo de solucionar problemas sociais;
2. A produção de bens e serviços não é segmentada para o mercado, mas para os segmentos populacionais em situação de vulnerabilidade, como: exclusão social, pobreza, miséria e risco de vida, bem como situações similares a estas.

Nesta abordagem, é possível verificar que o empreendedorismo de mercado está associado ao lucro empresarial e o social está associado à solução de problemas sociais. Ou seja, no empreendedorismo tradicional, a economia é a âncora dimensionalmente valorizada, e dela depende fundamentalmente o negócio, com uma economia ao serviço dos sócios... Já no empreendedorismo social, a economia está ao serviço do setor social, da comunidade que funciona de dentro para fora neste movimento, criam-se empreendimentos para a comunidade com foco na solução de problemas sociais. Ao contrário dos empreendedores de negócio que percorrem a criação de riqueza ou a lucratividade, os empreendedores sociais percorrem os problemas sociais com vistas a solucionar, os autores mercantilistas identificam oportunidade, e os autores sociais buscam soluções inovadoras para os problemas sociais.

Os especialistas Neto e Froes defendem que a face social do empreendedorismo é criativa e determinada tão quanto os empreendimentos existentes no mercado. Por outro lado, correm mais riscos de sobrevivência por tratar de vidas humanas, e não de um produto para o mercado.

Pode-se ainda destacar alguns pontos que auxiliam na diferenciação entre os empreendedores sociais e aqueles de mercado, tais aspectos:

1. ES busca o impacto social e o ET e sucesso nas vendas;
2. ES procura maior número de maioríssimos beneficiários (coletividade) e o ET tem menores beneficiários (individualidade);
3. O ES mensura o retorno na qualidade de vida dos seus beneficiários e ET mensura o retorno na receita líquida, nas vendas e nos dividendos;

Empreendedores sociais buscam promover trabalhos e serviços nas comunidades, que se apropriam dos resultados para suas próprias transformações.

4. No ES, a economia está ao serviço da comunidade, e no ET a economia está a serviço dos sócios;
5. ES é coletivo e o ET é Individual;
6. O ES, conjuga o verbo na 1ª pessoa do Plural(nós) e o ET preferencialmente conjuga na 1ª pessoa do singular (Eu);
7. No ES, o foco está nos problemas comunitários no ET o foco está no mercado;
8. No ES temos a comunidade, no ET temos o mercado;
9. No ES temos a Comunidade e no ET temos clientes.

A diferença entre empreendedorismo e empreendedorismo social, no entanto, decorre da finalidade de uma criação (NETO; FROES, 2002). Empreendedores sociais buscam promover trabalhos e serviços nas comunidades, que se apropriam dos resultados para suas próprias transformações. Em vez de transformar seu resultado como sua margem de lucro, como os empreendedores clássicos costumam fazer, os empreendedores sociais usam uma variedade de recursos para levar as sociedades a um melhor estado de bem-estar (FUNDAÇÃO SCHWAB, 2019).

No empreendedorismo de mercado, os empreendedores usam os seus recursos, princípios empresariais de mercado e de negócio, bem como o sistema capitalista, para criar riquezas. Enquanto no empreendedorismo social os empreendedores usam os recursos, princípios empresariais e de mercado e de negócio, bem como o sistema capitalista, para criar mudanças sociais ao estabelecer e gerenciar um empreendimento, assim como agrega valores.

QUADRO 1 — Diferença entre o ES e ET

Empreendedorismo Tradicional (Mercado)	Empreendedorismo Social (Comunitário)
Natureza individual.	Natureza coletiva.
A produção dos bens e serviços com foco no mercado.	A produção dos bens e serviços é em benefício da comunidade.
Está centralizado no mercado.	Está centralizado na resolução de problemas sociais.
Tem como medida de desempenho o lucro.	Sua medida de desempenho é o impacto social de suas ações.
Foca-se em satisfazer as necessidades dos clientes e ampliar as potencialidades do negócio.	Objetiva resgatar pessoas que se encontram em situação de risco social e a profetá-las.

FONTE: Melo Neto e Fróes (2002, p. 11, adaptado)

Com o objetivo de colaborar para a transformação da sociedade atual, imersa em problemas sociais, numa sociedade capaz de gerar renda por iniciativa de seus próprios atores sociais, o empreendedor estimula práticas sociais empreendedoras e humanitárias, para gerar mais qualidade de vida para os seus atores. Os empreendedores sociais são considerados como um tipo de líderes especiais, pois trazem soluções dos problemas, as mesmas ideias que os empreendedores de mercado trazem para criarem riquezas (MELO; FROES, 2002).

1.1.1 O que não é Empreendedorismo Social: Empreendedorismo Bilionário, Político e a Responsabilidade Social Corporativa

Está a surgir um novo empreendedorismo com impacto na sociedade. Trata-se do empreendedorismo bilionário, que vem retribuir de forma global na promoção do combate à pobreza, como, por exemplo, segundo a Forbes (2022), Bill Gates disponibilizou 55 bilhões de dólares em campanhas para a erradicação das doenças inclusive Vírus da Imunodeficiência Humana (SIDA) em países pobres. Warren Buffet disponibilizou 51 bilhões “em ações da Berkshire Hathaway para cinco instituições de caridade” (FORBES, 2023), estes empreendedores não são, na realidade, empreendedores sociais, uma vez que apenas oferecem parte dos recursos empresariais para causas sociais. Trata-se de cumprir a responsabilidade social da empresa, pois o verdadeiro empreendedor social é aquele que dedica a sua vida ao empreendedorismo social.

Apesar destes empreendedores bilionários darem uma grande ajuda na solução de problemas sociais, deparamo-nos com fato paradoxal, na medida em que 1% das pessoas mais ricas do mundo possuem 40% de todo o patrimônio mundial. As três pessoas mais ricas do planeta, entre elas Bill Gates, possuem patrimônio superior à população somada das 48 nações mais pobres (CARDOSO, 2015). Corroborando Yunus e Weber (2008), podemos afirmar que, por um lado há um esforço por parte destes bilionários, mas, por outro lado, há falta de equidade e igualdade na distribuição das rendas. A estarrecedora desigualdade social gerada pelo sistema capitalista com base no modelo de negócios não inclusivos, exportador do trabalho e excludente da renda e a riqueza. Pode-se registrar que, no mundo contemporâneo, 94% da renda mundial vai para apenas 40% da população mundial, a passo que, outros 60% vivem apenas com 6% da renda. Esta situação confirma que a riqueza se encontra distribuída de maneira desequilibrada, injusta e desumana.

Segundo Melo Neto e Froes (2002), um outro novo empreendedorismo vem surgindo, o empreendedorismo político, que se tem destacado a nível local e regional. O famoso empreendedorismo do empresariado político, ou seja, o “Empresário Político”, com foco de atuação, além do setor empresarial, que engloba a pluralidade de agentes econômicos, como:

1. Governo Local;
2. Comunidade;
3. Empresas;
4. Trabalhadores.

Neste empreendedorismo existe uma participação intensa no processo produtivo, onde “a participação é tarefa de todos”. Esta rede permite que o sistema de produção seja contínuo mesmo com ausência do empreendedor político, por causa do sistema cooperativo, coletivo e participativo. Estas características são muito semelhantes ao do empreendedor social, que apresenta a máxima de dentro para fora, do empoderamento e não apenas do assistencialismo. Contudo, embora existam semelhanças, ainda não estamos diante do empreendedorismo social propriamente dito, pois esse tipo de empreendedorismo é apenas uma das formas de atuação do empreendedorismo social, assim como as ONGs, as fundações e outras.

O papel do empreendedor político é apenas a mediação nas ações sociais que semelhantes aconteçam. O empreendedor político cria as condições sociais, políticas e administrativas ao nível da comunidade, diferente do empreendedor social que não faz para comunidade, mas sim com a comunidade que cria atividades sustentáveis, inclusiva e de impacto social, onde o próprio mediador é a comunidade e não o empreendedor.

Um outro elemento que é confundido com o empreendedorismo social é a responsabilidade social. A responsabilidade social não é empreendedorismo social. Segundo Kotler (1990), a responsabilidade social é uma poderosa ferramenta de marketing que o especialista denomina marketing social ou endomarketing. “A responsabilidade social é o dever da organização em “pensar no bem-estar da sociedade e não apenas no lucro” (MELO NETO; FROES, 2002). Mais adiante, os autores fundamentam ainda que:

Responsabilidade Social Corporativa é o comprometimento permanente dos empresários de adotar um comportamento ético e contribuir para o desenvolvimento econômico, melhorando simultaneamente a qualidade de vida de seus empregados e de suas famílias, da comunidade local e da sociedade como um todo. (MELO NETO; FROES, 1999)

O papel do empreendedor político é apenas a mediação nas ações sociais que semelhantes aconteçam.

No empreendedorismo social, a missão objetiva é a criação de valor social sustentável, porque, para que os empreendimentos sociais tenham sucesso, é necessário equilibrar sustentabilidade e escalabilidade.

Embora a responsabilidade corporativa (RSC) tenha sido uma ferramenta na resolução dos problemas sociais, o seu objetivo é criar uma imagem positiva no mercado, ou seja, o marketing junto à comunidade. A intenção é o proveito próprio e não para a comunidade. Muitos dos clientes evitam comprar de empresas que prejudicam a sociedade, por isso, a maioria das empresas procura criar uma imagem positiva. As responsabilidades corporativas visam também a fidelidade de clientes, com a criação de uma imagem socialmente positiva, aumenta a carteira de clientes. (YUNUS; WEBER, 2008)

Responsabilidade social pode ser definida como o compromisso que uma organização deve ter para com a sociedade, expresso por meio de atos e atitudes que a afetem positivamente, [...] agindo proativamente e coerentemente no que tange ao seu papel específico na sociedade e a sua prestação de contas para com ela. (BERTONCELLO et al., 2007)

Em decorrer disso, corroborando:

Responsabilidade social corporativa (RSC) é outro termo que às vezes se confunde com empreendedorismo social. A RSC geralmente designa um fundo de caridade reservado por uma empresa que maximiza o lucro para fazer algum bem na comunidade local. Por exemplo, o departamento de RSC de uma empresa pode doar dinheiro para um hospital ou escola, fornecer bolsas de estudo para algumas crianças pobres ou patrocinar um dia de limpeza na praia ou parque local. Os programas de RSE são usados principalmente para construir a imagem de uma empresa, para promover a ideia de que a empresa é uma “boa vizinha” ou uma “boa cidadã”. Não há nada de errado com a RSC, mas não tem nenhuma relação real com os negócios sociais ou empreendedorismo social. (YUNUS, 2010)

Embora RSC ajude na resolução dos problemas ao nível local com as políticas e ações, com intenção de criar riqueza ou lucro não colocando em risco a vida de ninguém ao nível da comunidade, bem como executar atividades de filantropia para combater a pobreza, não apresenta características para ser denominada empreendedorismo social, porque as suas ações estão centralizadas em como as ideias mudam as pessoas do que em como as pessoas mudam as ideias (BORNSTEIN, 2006; YUNUS, 2010). No empreendedorismo social, a missão objetiva é a criação de valor social sustentável, porque, para que os empreendimentos sociais tenham sucesso, é necessário equilibrar sustentabilidade e escalabilidade. Contrariamente, objetiva-se o cumprimento de metas de responsabilidade social corporativa, uma atividade secundária das empresas, enquanto a missão social é a âncora do negócio e missão fundamental. Na visão de Melo Neto e Froes (2002), “RSC revela-se insuficiente, pois só produz resultados mediante ação empresarial, pois o social é movido pelos negócios da empresa”.

1.1.2 ONGs, Filantropia e Projetos Sociais

Embora a filantropia e as ONGs tenham atuações semelhantes como o empreendedorismo social, não é propriamente o ES, pois estas ações começam de fora para dentro, e não de dentro para fora, são ao mesmo tempo, são igualmente atos temporários, e, em muitos casos, são atividades de posicionamento a nível empresarial no mercado. O empreendedorismo social não é caracterizado por buscar a expansão sem garantir que essa expansão tenha um impacto real na sociedade. Um compromisso com o impacto positivo deve acompanhar a escalabilidade.

Na visão de Melo Neto e Froes (2002), “a filantropia é a ação individual benevolente e caridosa de empresários bem-sucedidos, através dos ganhos das suas empresas”. No empreendedorismo social, os problemas são encontrados na comunidade e solucionados com a comunidade numa ação de empoderamento e não de assistencialismo que combate a necessidade de forma temporária. Corroborando tal pensamento, Yunus (2010) entende que o empreendedorismo social não é uma ação social apenas, o foco do empreendedorismo social é a busca constante de alternativas ou soluções sustentáveis na solução de problemas sociais. Enquanto a filantropia tem o seu foco nas doações de recursos de caráter temporário, não gera empoderamento comunitário, está focado no assistencialismo. A comunidade é beneficiada apenas com o vector de ser o promotor da ação que as beneficia. As atividades filantrópicas e das organizações sem fins lucrativos criam impactos momentâneos, enquanto o empreendedorismo social trabalha na criação de impactos sustentáveis, ou seja, autossustentáveis, tem a missão no impacto social no bem-estar social e não apenas na viabilidade financeira. Esse modelo de negócio gera rentabilidade sem necessariamente ficar refém das doações, pois o foco do empreendedorismo social é a escalabilidade e a sustentabilidade. Eles visam encontrar soluções que não apenas resolvam problemas imediatamente, mas também desencadeiam mudanças sociais profundas e rigorosas. Os projetos sociais e as ONGs podem ser mais eficazes e eficazes, contribuindo para um futuro mais justo e equitativo ao incorporar esses elementos.

Nos projetos sociais tradicionais, a comunidade é beneficiária com realce a um grupo específico, o modelo de atuação é o assistencialismo, que coloca em causa a sustentabilidade, replicabilidade e a ampliação dos projetos sociais. Contrariamente, nos projetos de empreendedorismo social, a comunidade assume a mudança sendo ao mesmo tempo protagonista e beneficiária, e o modelo de atuação é o empoderamento, permitindo atender suas próprias necessidades e realidades profundamente (MELO NETO; FROES, 2002).

Nos projetos sociais tradicionais, a comunidade é beneficiária com realce a um grupo específico, o modelo de atuação é o assistencialismo, que coloca em causa a sustentabilidade, replicabilidade e a ampliação dos projetos sociais.

Contudo, a escalabilidade e a sustentabilidade são dois conceitos centrais para que os projetos sociais tradicionais passem a ser projetos de empreendedorismo social. Na visão de Melo e Froes (2002), os projetos de empreendedorismo social têm três características principais que diferem dos projetos sociais tradicionais:

Propósito: empoderar a comunidade local.

Seu escopo de atuação: é mais amplo, nos projetos sociais.

Suas dinâmicas: não estão em seus processos de gestão, mas, principalmente, em suas ações de fomento ao empreendedorismo local e regional.

As responsabilidades sociais corporativas precisam evoluir para responsabilidades sociais corporativas sustentáveis, ou seja, fazer com a comunidade de dentro para fora, capacitar lideranças locais para permitir que o desenvolvimento que for gerado na comunidade e seja por ela assumida.

As organizações sem fins lucrativos precisam evoluir de organizações sem fins lucrativos tradicionais para organizações sem fins lucrativos sustentáveis, diferenciando as fontes de renda, introduzindo práticas sustentáveis com a comunidade, promovendo um desenvolvimento de cima para baixo ou de fora para dentro e a comunidade deve ser ao mesmo tempo protagonista e beneficiária e deve assumir a mudança.

2 METODOLOGIA

Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica com o propósito de obter uma fundamentação teórica esclarecedora do tema: **O que Não É Empreendedorismo Social: Conceituação, Diferenças e Características.**

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, artigos científicos impressos ou eletrônicos, material cartográfico e até meios de comunicação oral: programas de rádio, gravações, audiovisuais, filmes e programas de televisão. (LAKARTO, 2017)

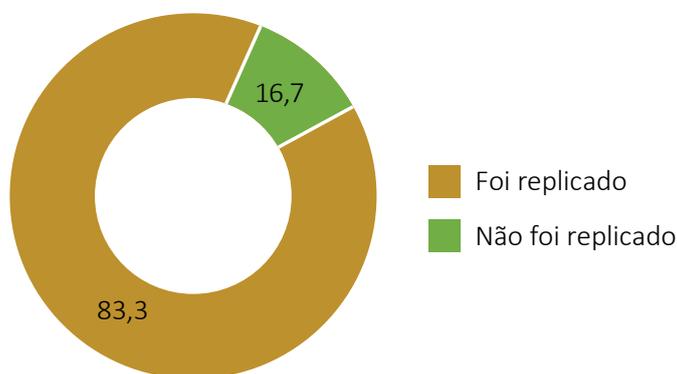
Com procedimento metodológico descritivo, que, segundo a cosmovisão de Gil (2002), tem como foco principal descrever as características inerentes a um fenômeno ou população, visa descrever a relação entre as variáveis do ponto de vista das opiniões, atitude, crenças de uma população ou temática. Nesta ordem de ideia, fizemos uma pesquisa *on-line* (questionário eletrônico Google Form) com uma população de seis projetos sociais, para verificar a escalabilidade e sustentabilidade das ações sociais, e como ferramenta de tratamento de dados, usou-se Microsoft Excel para a arrumação dos dados obtidos.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A revisão bibliográfica e a entrevista (questionário electrónico Google Form) *on-line* efetuada permitiu-nos descrever e identificar o que não é empreendedorismo social na perspetiva de sustentabilidade e escalabilidade nas ações de responsabilidade social corporativa, filantropia, projeto social e organizações sem fins lucrativos.

Como já foi aqui citado, segundo Silva (2009), o empreendedorismo social possui características únicas que o tornam uma alternativa na busca soluções que possam ser replicadas, ampliadas e sustentáveis. Dessa forma, foi possível observar a partir da revisão bibliográfica que a sustentabilidade e escalabilidade são essenciais para projetos sociais, filantropia, ONGs e RSC que visam aumentar seu impacto e atrair mais beneficiários a longo prazo. Notou-se não terem um modelo que possa ser usado em várias comunidades ou contextos para que seja escalável. A escalabilidade, neste contexto, não permite a realização de ações que produzem benefícios concretos e permanente. Pois, quando analisado o elemento sobre escalabilidade, o GRÁF. 1 aponta que do universo de projetos em estudo, apenas cerca de 17% apresentam a característica da escalabilidade, ou seja, pouco menos de 83% dos projetos sociais não foram replicados. A escalabilidade nas ações sociais não é apenas um fator desejável, mas essencial para gerar impacto duradouro e abrangente.

GRÁFICO 1 — Distribuição percentual das organizações, segundo a escalabilidade em projetos sociais



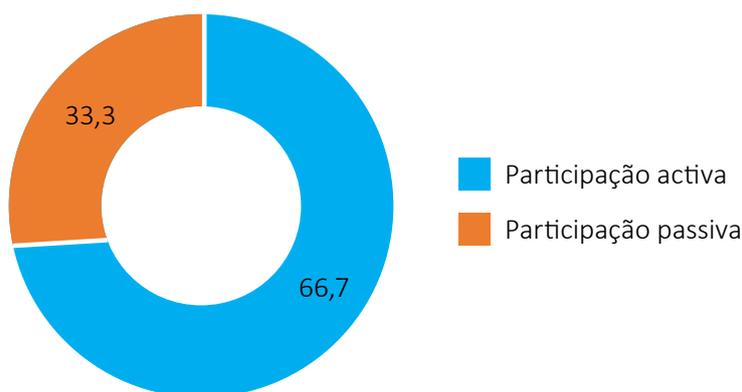
FONTE: O autor (2024)

Segundo Melo e Froes (2002), o empreendedorismo social depende de comunidades sustentáveis para gerar resultados satisfatórios. Incluir a comunidade no processo de planejamento, decisão e execução é essencial

não só promove apenas aceitação, mas, também assegura que a iniciativa atende às necessidades a longo prazo. Fato que não foi possível identificar no empreendedorismo bilionário, embora venha retribuir no combate à pobreza, observamos que suas ações não apresentam impacto a longo prazo nem inclusão da comunidade.

Apesar destes empreendedores bilionários darem uma grande ajuda na solução de problemas sociais, suas ações não são capazes de gerar mudanças positivas que continuem a beneficiar a comunidade ao longo do tempo, nem articulam a participação da comunidade como a solução da sustentabilidade. De acordo com o GRÁF. 2, dos seis projetos estudados neste artigo, cerca de dois terços (67%) destes projetos afirmam não ter participação activa na comunidade e apenas um terço (33%) destes projetos têm participação ativa na comunidade, realçando aqui a sustentabilidade desses projetos apenas na minoria dos casos.

GRÁFICO 2 — Distribuição percentual de projetos, segundo o nível de participação (sustentabilidade) da comunidade



FONTE: O autor (2024)

Constatou-se que o empreendedorismo político, diferente do bilionário, inclui a comunidade com uma tripla aliança entre o cooperativismo, coletivismo e participação da comunidade. Embora a inclusão da comunidade seja um aspecto crucial, fatores exógenos de ordem política podem colocar em risco o futuro das próximas gerações e da escalabilidade, colocando em causa a expansão de soluções eficazes que podem vir a atingir um número maior de pessoas e comunidades. Neste contexto, observa-se a incapacidade de solucionar os problemas sociais sem comprometer as futuras gerações. As empresas devem implementar responsabilidades sociais corporativas que agregam práticas de negócios sociais ou sustentáveis. As iniciativas devem beneficiar a comunidade e posicioná-la como protagonistas para permitir a transição da RSC para RSCS (responsabilidade social corporativa sustentável).

CONCLUSÃO

O foco do texto voltou-se para o que não é empreendedorismo social, numa perspectiva de escalabilidade e sustentabilidade. Entendemos que o empreendedorismo social possui características peculiares, fato que ficou evidenciado que embora algumas ações sociais apresentem algumas características “**semelhantes**”, não consistem como empreendedorismo social na perspectiva de escalabilidade e sustentabilidade. A sustentabilidade e a escalabilidade no empreendedorismo social são aspectos cruciais para garantir que iniciativas voltadas para o impacto social possam crescer e se manter ao longo do tempo.

Concluimos que, no empreendedorismo social, a sustentabilidade e a escalabilidade estão interligadas. Um projeto, uma ONG, as RSC e as organizações filantrópicas não podem ser consideradas como ES, sem ser sustentáveis ou escaláveis. No entanto, o empreendedorismo social é um movimento que se expande rapidamente e tem características como sustentabilidade e escalabilidade. A escalabilidade e a sustentabilidade são dois conceitos e aspectos centrais para que os projetos sociais tradicionais passem a ser projetos de empreendedorismo social.

Na visão de Melo e Froes (2002), os projetos de empreendedorismo social têm três características principais que diferem dos projetos sociais tradicionais: **propósito** (empoderar a comunidade local); **seu escopo de atuação** (é mais amplo nos projetos sociais); **suas dinâmicas** (não está em seus processos de gestão, mas, principalmente, em suas ações de fomento ao empreendedorismo local e regional). As RSC precisam evoluir para responsabilidades sociais corporativas sustentáveis, ou seja, fazer com a comunidade de dentro para fora, capacitar lideranças locais para permitir que o desenvolvimento que for gerado na comunidade seja por ela assumida. As organizações sem fins lucrativos precisam evoluir de organizações sem fins lucrativos tradicionais para organizações sem fins lucrativos sustentáveis, diferenciando as fontes de renda, introduzindo práticas sustentáveis com a comunidade, promover um desenvolvimento de cima para baixo ou de fora para dentro.

REFERÊNCIAS

AUMENTO a escalabilidade de iniciativa sociais. **Economato**. Disponível em: <http://economato.com.br/escalabilidade-de-iniciativas-sociais>. Acesso em: 25 ago. 2024.

BAHI, K. **O impacto da política ESG (environmental, social and governance) na gestão de patrimônio e fundos de investimento imobiliários**. [s.l.]: [s.n], 2023.

BERTONCELLO, S. L. T.; CHANG JÚNIOR, J. A importância da responsabilidade social corporativa como fator de diferenciação. **FACOM – Revista da Faculdade de comunicação da FAAP**, v. 70, n. 17, p. 76, 2007.

BORNSTEIN, D. **Como mudar o mundo**: empreendedores sociais e o poder das novas ideias. [s.l.]: Record, 2006.

CARDOSO, G. **Mude, você, o mundo**: manual do empreendedorismo social. [s.l.]: Lura, 2015.

CRUZ, G. As duas faces do empreendedorismo social. **RAUnP**, v. 5, n. 1, p. 9-20, 2012. <http://dx.doi.org/10.21714/raunp>.

DOAÇÕES de Warren Buffett. **Forbes**, 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2022/07/quero-donar-minha-fortuna-ate-sair-da-lista-da-forbes-diz-bill-gates/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

DOAÇÕES de Warren Buffett. **Forbes**, 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2023/06/doacoes-de-warren-buffett-chegam-a-us-51-bilhoes/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

FRANTZ, W. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária**. Ijuí: Unijuí, 2012. p. 36-43.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KICKUL, J.; LYONS, T. S. **Understanding social entrepreneurship: the relentless pursuit of mission in an ever-changing world**. [s.l.]: Routledge, 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. [s.l.]: [s.n.], 2017.

MELO NETO, F. P.; FROES, C. **Empreendedorismo social**: a transição para a sociedade sustentável. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MELO NETO, F. P.; FROES, C. **Responsabilidade social e cidadania empresarial**: a administração do terceiro setor. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999. v. 2.

SILVA, A. V. **Como empreendedores sociais constroem e mantêm a sustentabilidade de seus empreendimentos**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial) — Escola Brasileira de Administração Pública e Empresas, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2009.

WEBB, J. W. et al. O processo de empreendedorismo em mercados da base da pirâmide: o caso de alianças entre empresas multinacionais e organizações não governamentais. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 34, n. 3, p. 555-581, 2010.

YUNUS, M. **Criando um negócio social**. Rio de Janeiro: Campos, 2010.

YUNUS, M.; WEBER, K. **Um mundo sem pobreza**: a empresa social eo futuro do capitalismo. São Paulo: Ática, 2008.